

ESCLARECIMENTOS SOBRE O AMOR E TRABALHO EM TEMPOS DE PANDEMIA

María Julieta Peluffo¹

1Lic. en Psicología de la U.B.A.
Psicoanalista. Maestría en
Psicoanálisis Asociación escuela
argentina de psicoterapia para
graduados (AEAPG) en convenio
con la Universidad de la Matanza
(UNLaM.) Socia activa y Co-
coordinadora de CIP de la AEAPG.
Integrante comité editorial de la
revista virtual: Psicoanálisis Ayer y
hoy". (AEAPG) Miembro del equipo
de investigación de Género y
Psicoanálisis (AEAPG) Docente del
seminario: Género y Psicoanálisis:
actualizaciones teóricas, implicancias
clínicas (AEAPG). [julietapeluffo@
gmail.com](mailto:julietapeluffo@gmail.com)

*"... E eu realmente não sei mais nada, o que me acontece
Eu encontrei a chave e esqueci onde fica minha casa
Eu acho que há muito tempo que vivo em uma carcaça, ah
Dê-me um abraço e vai embora".
Wos - Terraza*

Sexualidade e Pandemia, o convite é para escrever reflexões e vivências, nesta vez do paciente e de seu processo terapêutico. Mas quero começar pelo mais básico, o que nós analistas entendemos por Sexualidade, ¡tudo! A psicosexualidade que se expressa de múltiplas maneiras na vida de cada sujeito.

Pensemos então o que a Pandemia trouxe. Quarentena, distanciamento social, preventivo e obrigatório, distância social, máscara, álcool em gel e lavandina, higienização das mãos, comidas. Aproximar-se a outro com menos de um metro e meio é um risco sem precedentes em nosso tempo, um risco de contágio. E como o vento se levou, implacável aquela extraordinária e moderna sensação de previsibilidade do futuro, estragou cada compromisso agendado, viagens, turnos, investimentos e planos de longo prazo.

Acho que devo parar para alertá-los, vocês ouvirão muitas perguntas, talvez algumas reflexões, não prometo conclusões, mais também me comprometo revisar essas palavras quantas vezes forem necessárias para ter certeza de que no eco da luta não acredito ter chegado aos sentidos tranquilizadores. Que não abandone nestas páginas a preocupação e a reflexão que sempre despertam em mim o sofrimento, o desamparo, a dor humana.

Voltando então à pandemia, surgem novos formatos virtuais de todos os tipos, aniversários, jantares, mates, consultas e com isso as diferentes possibilidades subjetivas de habitar esses espaços. Conceitos e questões fundamentais emergem para a psicanálise, realidade psíquica vs. realidade compartilhada.

¿Desdobramento da realidade em camadas analisáveis? ¿Realidade virtual vs realidade real? Excesso de realidade, já ouvi isso muitas vezes nestes meses, ¿o que significa isso, que às vezes a realidade não nos ultrapassa ou que vivíamos numa ilusão de domínio compartilhado? "A" o único lugar que tenho é o carro para poder fazer as sessões, na minha casa não funciona, está todo mundo lá. Enquanto isso, as janelas sobem e baixam, acende-se a luz interna do carro, escurece, o telefone cai porque não há onde colocá-lo.

“B” Estou na cama. ¡Oh, que lindas suas! Elas são roller? Essas quero colocá-las em ...

Pandemia e distanciamento social obrigatório. Camas, carros, tetos, maconha, camisolas de noite e pijamas, cachorros, vozes, casais, pais, mães, filhos. O espaço público, o íntimo, o privado, são confundidos. Durante a sessão se come, fuma, se arruma, pinta as unhas. Alguém fala, alguém passa.

¿E o dispositivo, onde está o dispositivo? ¿na palavra? ¿No consultório? de repente perdemos tudo, cada espaço público, as escolas, bares, cinemas, consultórios médicos. No melhor dos casos, se mudou para o espaço virtual. Alguns processos terapêuticos foram interrompidos. Outros não, mas foram sem dúvida atravessados pelo “nova normalidade”, onde o público e o privado quebraram as suas fronteiras. O que antes era um espaço compartilhado, o consultório como espaço público, onde o processo terapêutico se desenvolvia no quadro proposto pelo analista, ¿tornou-se, na virtualidade, em fragmentos de espaços privados, questionando a assimetria como testemunhas do que era íntimo em primeiro plano?

Em Vergonha, culpa, pudor. S. Bleichmar traz a necessidade de um debate sobre a atenção pela internet e “... os discursos que não são libidinalmente sustentados pelos corpos” (p. 534, 2005)

“C” - Descubra um chat do Instagram do seu parceiro com outrx, com vídeos gostosos. Diante do confronto, a resposta é que “nunca nos vimos, eram apenas mensagens, isso me faz bem, mas nada aconteceu”. Se pergunta, ¿Não se viram pela quarentena? ¿Eu não quero uma relação aberta aberto, mas os chats contam? ¿Eu posso tolerar as conversas, mas os vídeos não?

¿A dúvida surge, talvez, de que na virtualidade aquele outro na tela foi dessubjetivado e, nesse sentido, o erotismo volta ao autoerotismo?

É verdade, é uma pandemia inédita, me tenta dizer pandemia mundial que é uma redundância, mas é um conceito tão extraordinário, uma realidade de proporções colossais, ¿ou o colossal foi a descoberta de que não só o vírus era pandêmico?

Eu pensava nos vírus informáticos que viajam pelo ciberespaço infectando computadores em todo o planeta. Ou Hackers revelando segredos e crimes de todo o mundo, as formas de abuso como o grooming. Sem Fronteiras. Como a pobreza, a violência, as diferenças tornadas desigualdades geradoras de sofrimentos, sofrimentos muito reais. Impactando implacavelmente na realidade psíquica.

“D” - Meu marido fica deprimido com o trabalho doméstico, não pode, fica mal.

“E” - Ele acha que cozinhar e limpar tem que ser feito pela mulher, se não é sua mãe, eu. Assim ele foi educado.

¿Ainda é possível evitar a perspectiva de gênero como ferramenta de desconstrução? Se a constituição da subjetividade masculina teve como mandato inicial não ser mulher, não fazer o que as mulheres fazem é essencial. E o que as mulheres fazem melhor é cuidar e criar. E por que? Porque o carregam nas entranhas, versões mais ou menos modernas do instinto materno (Burin, 2000).

Questões relacionadas à divisão sexual do trabalho que acreditávamos terem sido resolvidas, ressurgiram no confinamento. Diferenças que se transformam em desigualdades que produzem sofrimento (A. M. Fernandez, 1993). Penso na realidade psíquica como a experiência subjetiva da realidade compartilhada, não há sujeito sem outro. Construção subjetiva pensada a partir do cruzamento social e constituição psíquica como possibilidade de mudança subjetiva. E temos que brincar, brincar em um espaço compartilhado. Desejo que cada processo terapêutico seja um processo emancipatório, sem escorregar para a desmentida, negação do analista, das condições sócio-históricas compartilhadas que produzem subjetividades, tornando-o visível no psíquico, como campo de ação.

“F” - Juro para você que, o sábado limpando os banheiros achei que fosse chorar, eu trabalho toda a semana, 8 horas frente do computador. E aqui eu digo na primeira pessoa. A caída de uma ficção, em que aquelas que trabalhávamos fora de casa deixávamos uma “mãe cedente” cumprindo com as que, em definitiva, estavam expostas que eram nossas obrigações. O trabalho doméstico expôs as desigualdades da forma mais brutal, práticas de violência. Masculinidades caídas, que são perturbadas e questionadas neste cotidiano que devorou de alguma maneira o reino do mundo público; assimetria de poder das relações de gênero.

As formas de sofrimentos de época se inscrevem em um mar de fundo social, ultimamente uma hipótese me questiona: a psicanálise sofre de formas de exclusão sexual social onde os desacordos são tolerados e não integrados? Sustentamos um paradigma único y excludente? Qual é? ¿Psicanálise tradicional versus psicanálise dissidente?

A psicanálise abjeta, processos terapêuticos virtuais que de repente se tornaram nos processos terapêuticos únicos, por força hegemônicos já ninguém pôde apontar que “isso não é psicanálise”, sem ser forçado a renunciar como analista.

¿O que é, então, um processo terapêutico psicanalítico, é seu método, seu enquadre, sua eficácia? A psicanálise ¿deve responder em qualquer circunstância ou morrer tentando?

“G” Entrevista virtual com os pais. Chegamos ao negócio porque as crianças estão em casa e o Wi-Fi não está funcionando bem. Um cliente bate com muita insistência na porta, e temos que atendê-lo, mesmo para que deixe de bater. Esperamos em silêncio.

Famílias em pandemia, ensino em casa, tarefas, jogos em rede. Casais em quarentena. ¿É possível manter uma certa tensão entre o amor familiar e o desejo, o amor sexual hiato que torna possível um encontro? Adolescentes que se apropriam da noite na tentativa de recriar um fora ¿espaços virtuais de intimidade e exogamia? Processos identificatórios e reorganização pulsional que buscam novos caminhos, ¿intersubjetividade construída em rede?

“H” - eles não podem me proibir a play station, eles não entendem, literal é tudo que eu tenho. Eu fico fora de tudo.

“I” - A tecnologia é ótima, mas a comunicação não é substituída, zero, se torna pior.

Psicanálise e Pandemia. A associação livre que provou a sua eficácia no contexto mais adverso, aquele convite a dizer o que vem à mente ... o indizível, o temido, o inominável, o impiadoso, a sexualidade em todas as suas formas. Deixe-me ser uma testemunha de sua dor, sua vergonha, seu medo, seu amor. Desamparar-se assimetricamente (se é permitido o conceito) frente, com um outro cuja única promessa deve ser abster-se de danificar, diante desse ato de abandono. O enquadre é ético, a promessa iniludível de não se render ao exercício do poder, mas de apoio, escuta, envolvimento. Acolher, deixar-se usar, cuidar, legitimar, abster-se de buscar satisfações no vínculo terapêutico.

“J” Chora, muito tempo. Observo na tela as pequenas, mas infinitas contrações que o corpo faz, ouço os ruídos dos soluços, comovida.

-Você está aí? (levantando a cabeça)

-Sim

- Achei que tinha sido congelada, você estava muito quieta.

De repente e como numa série futurística, a gente começou a interagir na virtualidade, os pacientes nos ensinaram a usar o quadro de zoom, convidaram sem autorização aqueles que quiseram ao espaço terapêutico, tínhamos medo que aquele namorado, aquela mãe, aquele pai, aquele marido escutassem nossas interpretações. Os seguros tiveram de esclarecer: vamos cobrir os tratamentos virtuais. Os pré-pagos recusaram-se a pagar por essas sessões em primeira instância. Muitos pacientes e analistas não tinham dispositivos porque assim chamamos as compus, celus, tablets. Era preciso adaptar-se a ser analistas suficientemente bons, dispostos a recriar um tipo novo e diverso de encontro.

O alternativo, passou a ser regra, apareceu como a única possibilidade e a partir daí o paciente percebeu o medo, o torpor, a incapacidade e a vulnerabilidade. Foi testemunho do desamparo do analista, aquele processo terapêutico comovido pela certeza de que todos corriam perigo. Todos no mesmo barco, foi quebrada a ilusão do analista mestre da terra firme, resguardados no consultório daquelas regras imóveis, em sofrimentos de 50 minutos, um outro indolente, ¿neutro? Capaz de manter a postura sem revelar a comoção a que deve conduzir a dor desdobrada, a injustiça denunciada, a violência encenada e nua

"K" - Fiquei animado no final e tivemos relacionamentos virtuais. Fiquei envergonhado, mas foi bom. Depois nos vimos, me pressionava, é errado eu sei, mas eu também precisava do abraço, da carícia.

"L" - ... eles já não dormem mais juntos, se isolaram quando teve Covid, aí ficaram assim, não dormiram mais juntos.

Sexualidade e pandemia parecem ser excludentes na mesma frase. Arrebatamento bem-sucedido de COVID porque o maior perigo é o encontro com o corpo do outro. Começamos a ouvir nas consultas a dor de sentir falta do contato, do abraço, da carícia, do calor. Os avós isolados tornaram-se uma população de risco.

Diferentes especialistas em qualquer área recomendavam sexting e masturbação junto com cursos online de culinária, estofamento, pintura, idiomas e filosofia transcendental. Gurus de fitness e nutrição. Uma oportunidade de fazer aquilo para o que a vida moderna não deixava tempo. ¡As redes, de quem pode! Inundaram-se de fotos, vídeos Tik Tok e receitas. Recomendações, artesanato, sequências de ginásio, zumba, café da manhã com os meninos na cama e atividades indoor de todos os tipos. ¿Satisfações substitutas bem documentadas para garantir sua eficácia? Eu posto, logo existo.

E a vida cotidiana irrompeu, se misturou, devorou tudo. O escritório em casa, educação à distância, zooms, meets, etc. da escola dos meninos, os vivos do Insta, os streaming de recitais e peças de teatro. Jantares com amigaxs, com o maravilhoso slogan de maquiarse e vestir-se. As casas tornaram-se espaços de usos múltiplos, foi necessário mover móveis, armar oficinas, limpar, cozinhar, lavar e tudo 24 x 7. E certos ideais românticos da casa, com o passar dos dias, começaram a ceder ao desconforto, ao cansaço, a raiva.

E a psicanálise ou as psicanálises, os analistas em quarentena tivemos que arregasar as mangas e calçar as botas ou os chinelos, havia momentos em que não sabíamos onde pisávamos. Tivemos medo, tivemos fé, tivemos vontade. Passamos por incertezas, dores, angústias e, como nunca antes, nos conectamos, todos nos encontramos para pensar, fazer conferências, conversas, reuniões e seminários virtuais.

Nos encontramos novamente com países vizinhos, com as teorias amigas e não tão amigas. Com as outras disciplinas, nós mergulhamos no campo da saúde. De repente saímos de nossa quintita porque não há psicanálise sem um outro, não se constrói, nem se pensa, nem se teoriza em solidão. E descobrimos o quanto a psicanálise tem para dizer sobre a pandemia, do sofrimento, dor, assim como do amor, compromisso e justiça social, da sexualidade. Se Freud uma vez se perguntou: ¿Os leigos podem exercer a análise? Hoje me pergunto: podemos nós, analistas, exercer uma análise comprometida, desejosa, diversa na ética de nossos semelhantes, que desafie as hegemonias, as desigualdades e a crueldade diante dos desafios que o presente nos exige?